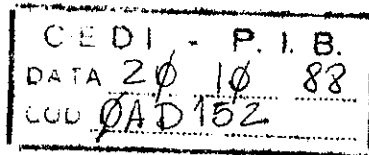


a canoa cobra - grande

Antônio Loureiro



Para algumas nações do Alto Rio Negro, o Universo em que vivemos está constituído por três camadas, embora muitas versões admitam outras. A camada do meio é onde elas vivem, cercada de montanhas e com os rios correndo de oeste para leste. O nível debaixo é o dos não nascidos. Ali, no leste, onde o Sol nasce, existe um grande lago, para onde caem todos os rios da camada do meio, e a oeste, a região escura da noite. Visto deste plano, o nível em que vivemos é transparente. Acima do nível dos viventes, o Sol criou o Caminho do Leite, que corre de leste para oeste, onde sopram fortes ventos e é uma região perigosa, local de contacto com o mundo invisível. As cores destas regiões variam: o mundo inferior é verde; o Caminho do Leite, azul; o nível do Sol amarelo e a terra em que vivemos, vermelha.

As cobras grandes têm intensa participação nessa cosmogonia, estabelecendo ligação entre os planos. Foi uma delas que trouxe a humanidade a este nível, sob a forma de uma grande canoa viva, cuja pele era amarela, com listras brilhantes e grandes olhos. A canoa-cobra era comandada por um ser criador, a mando do Sol, e a viagem que fizeram, trazendo a futura humanidade no seu

bojo, foi longa e cansativa, através do Caminho do Leite, com muitas ocorrências dramáticas, como a origem da noite, a partir de milhões de formigas pretas. Finalmente, a canoa-cobra-grande encalhou nas lajes da cachoeira do Ipanoré e muitos povos saíram dela, distribuindo-se pela Terra, contra a vontade do ser criador, que desejava levá-los para as cabeceiras. Ali cada nação recebeu um objeto trazido do nível de baixo, que se tornou característico delas: arco e flecha, para os dessanos; apetrechos de pesca, para os tucanos; ralador de mandioca, para os curripacos; máscaras de cascas de árvores, para os cubeuas e cestas, para os macus, voltando o ser criador, com a canoa-cobra grande, para o nível inferior.

Dentro dessa canoa-cobra, cada indivíduo foi distribuído de acordo com a sua posição social. Na cabeça, vinham os chefes; a seguir, os detentores dos mitos (cantores e mestres de cerimônias); depois, os guerreiros; em quarto lugar, os pajés e no rabo, os servidores. Os macus não pertenciam à canoa, estavam fora dela.

Antônio Loureiro é ensaísta e historiador.